



O USO DA AUTIBIOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA EPISTEMOLÓGICA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS: DOS FUXICOS AOS SABERES

Rodrigo Viana Sales

Universidade Federal do Rio Grande Do Norte

rocsociais@hotmail.com

1. SUVENIR

Como viajantes na vida, sabemos que as memórias¹ e as vivências são pilares fundamentais na construção do nosso ser, cuja formação é feita do uso de retalhos de variadas influências (escola, família, mídias, religião, trabalho e outras experiências) que trabalhamos uma a uma para adorná-las de forma e significado. Conseqüentemente, juntamos esta bagagem às demais experiências do cotidiano (brincadeiras, rua, amigos, bar, festa) que, por mais que tenham sido resultado de ações coletivas e coercitivas, são trabalhadas na nossa psique de maneira singular, já que atribuímos sentidos particulares a elas. Assim como um fuxico², produzido com as sobras dos retalhos do tecido, que é trabalhado manualmente pelo artesão, moldado e anexado um ao outro, tornando-se algo funcional (colchas, saias, etc) ou simplesmente estético como uma peça ornamental, são feitas as nossas interpretações da realidade, retiradas como retalhos, trabalhadas particularmente e emotivamente resultando ou em conhecimentos que podem servir de maneira prática, ou saberes a serem guardados na memória como belos ou tristes

¹ Entendo a memória na perspectiva de Halbwachs abordada por Kessel: “O indivíduo carrega em si a lembrança, mas sempre esta interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto dessas relações que construímos nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos [...] Ela garante o sentimento de identidade no indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico do real, mas sobretudo no campo simbólico” (HALBWACHS, 1990 apud KESSEL, [2009], p. 4).

² Um trabalho artesanal, feito com retalhos formando uma rodelinha franzida que lembra uma flor. Documento eletrônico não paginado.

ornamentos, dotados de significados e representações. Esses “fuxicos” que produzimos são como uma obra de arte e toda obra de arte “deve ser vista como uma forma de leitura do mundo e expressa como essa leitura integra a cultura, que faz parte tanto da prática como da estética” (CRUZ, 2003, p.126) da nossa vida.

Pretendo aqui não dissociar as minhas experiências de vida da articulação e desenvolvimento deste estudo, pois “ainda que tenhamos de considerar a necessidade de pôr em diálogo nossas crenças e visões de mundo, é sempre a partir de um padrão psico-subjetivo que compreendemos o mundo à nossa volta” (ALMEIDA, 2006, p. 287). Com isto, pretendo não corroborar com os mitos da neutralidade científica e da objetividade, pois concordo com Almeida e Prigogyne que a “a tríade ciência, razão e paixão é uma contingência do processo criativo na ciência” (ALMEIDA, 2006, p. 287). Com essa pequena introdução, refiro-me ao trabalho que aqui inicio.

Buscando entender como os saberes da vida reproduzem valores e significados, ampliam os horizontes dos indivíduos, como fornecem signos³ e símbolos⁴ que ajudam a interpretar o mundo, possibilitando uma compreensão global a partir de um referencial local.

Entendo esses signos/símbolos⁵ e a ciência, como linguagens de decodificação do real que precisam ser bricoladas. Numa tentativa de articulação de saberes que expressem a polifonia lúdica da interação e formação do sujeito, inteirado da aprendizagem de si como possibilidade de transformação da sociedade. Como afirma Boaventura de Souza Santos: “o conhecimento é interconhecimento, é reconhecimento, é autoconhecimento” (SANTOS, 2006, p.157).

Este estudo foi modelado como um souvenir a ser entregue aos leitores e guardado na minha prateleira de memórias, para eu revisitar como algo que representa uma história, um lugar no tempo e espaço, que só eu vivi apesar de ter sido vivenciado e compreendido de

³ O signo implica uma “distinção entre e sua realidade própria e a realidade que designa” (MORIN, 1987, p. 146), por isso tem um indicativo instrumental ligado ao pensamento empírico/técnico/racional (MORIN, 1987).

⁴ Implica em uma “relação forte entre a sua realidade própria e a realidade que designa” (MORIN, 1987, p. 146), com isso tem um sentido evocativo concreto ligado ao pensamento simbólico/mitológico/mágico (MORIN, 1987).

⁵ Entendendo como a complementaridade dos dois conceitos (MORIN, 1987).

maneira similar, ou não, por várias outras pessoas, entretanto, os arremates do meu “fuxico” só eu poderia dar, ele é a representação de uma viagem do viver, de onde foram trazidos e trabalhados como peça única dos meus questionamentos do conhecer, transformados numa manta de “fuxicos” que está ligada como eu vi a minha história de aprender e se religará aos novos conhecimentos do devir.

2. CARICATURA

Entendo que os indivíduos têm suas fases vitais: infância, adolescência e maturidade; e com a progressão da idade as fases, normalmente vão ampliando seus espaços de formação, pois aumentam as socializações, exemplo: na infância temos como espaço de formação preponderantemente a família e a escola, na adolescência são agregados outros espaços relevantes como grupos de amigos, os relacionamentos afetivos e assim sucessivamente. Como faço uso desses espaços como categoria de análise, apresento o trabalho através dessas fases.

É difícil contar uma história e contemplá-la no todo, por vários motivos, o primeiro deles é que não podemos aprisioná-la no tempo e na nossa versão dos fatos, outro motivo é que estamos em constante transformação, assim as coisas são resignificadas, se transformando em novas leituras. Por não existir uma verdade dada nós construímos sempre um novo olhar sobre o conhecimento, contextualizamos valores e elegemos os fatos de maior importância para nós mesmos. Na busca de compreensão dos saberes que nós produzimos e que nos formam dialeticamente é de importância ímpar o conhecimento de si porque é sempre a partir deste que leremos todas as outras representações daquilo que chamamos de real. O conhecimento para vida é justamente a articulação dos saberes das várias esferas da vida que na verdade não são separadas, pois são uma continuidade de uma esfera holística que se complementa e assim como a membrana de uma célula ela está constantemente absorvendo e eliminando elementos em seu meio.

Falando de conhecimento para vida, é impossível dissociá-lo de como vivi e como pretendo viver, quais são os valores que guardo e que tipo de relação pretendo ter com as pessoas, pois isto é o resultado dos saberes que foram selecionados e incorporados, esses conhecimentos que estão minuciosamente mesclados que se completam com uma unidimensionalidade multidimensional formando a nossa heterogeneidade. Como disse Edgar

Morin em “Meus Demônios” “a minha vida intelectual é inseparável da minha vida” (MORIN, 2003, p.09). Com base nessa afirmativa, pretendo refazer uma breve trajetória de como foram os “fuxicos” de minha existência.

2.1 PRIMEIRO CICLO: A INFÂNCIA

No meio de uma época de transformações e aberturas políticas, sociais, artísticas, presenciando de maneira inconsciente as “Diretas Já” e a queda de um muro que dividia ideologias, verdades e famílias. Época que a juventude passa a cantar-se visceralmente gestando o BRock⁶, cresci, absorvendo o embrião da mudança, da politização e da transformação.

Considerando que a família “é o lugar onde o indivíduo é gerado, posto no mundo e onde recebe as primeiras instruções afetivas, morais, sociais e humanas...” (LUCENA, 2008, p. 28), inicio aqui o relato desses “fuxicos”.

Meus avôs eram marinheiros, os três, o paterno, o materno e o outro que a vida me presenteou. Um cearense, um potiguar e o outro paraibano, e no meio de suas viagens d’além mar, de idas e vindas aportaram os três para residir em Natal, fator determinante para eu estar aqui escrevendo esta história. Com essas viagens viveram e residiram outros lugares, conheceram pessoas e “culturas”. Os três casaram-se com mulheres potiguares, mulheres que considero essencialmente fortes, dois deles tiveram seus filhos em Natal e o outro no Rio de Janeiro. Com isto, posso afirmar que minhas famílias vêm de múltiplas raízes, sem contar desde a época da colonização, têm em si múltiplas referências, olhares e histórias, o que com certeza me influenciou pela busca pelo múltiplo.

Como a maioria das famílias do nosso tempo, a minha família nuclear não se perpetuou unida, o que não significa que ela se desmanchou, ela apenas se reorganizou expandindo as possibilidades de sociabilidade. Assim como as pessoas não são estáticas conforme pensou Heráclito quando afirmou que “um homem não poderia banhar duas vezes no mesmo rio, porque o homem não mais seria o mesmo” (HERÁCLITO *apud* FILHO⁷, 2008), também não são os relacionamentos e conseqüentemente as famílias.

⁶ Nome dado ao rock brasileiro na década de 80.

⁷ Documento eletrônico não paginado.

Entretanto, as turbulências nos abrem novos horizontes e possibilidades, e no meu caso, entendo como a possibilidade de aumentar minha família nesse arranjo familiar pós-moderno. Contudo, venho contar uma história de amores.

2.1.1 FUXICOS FAMILIARES

Os meus pais se separaram quando eu tinha uns cinco anos, e eu sou o filho mais velho dos três que eles tiveram juntos. A partir daí, fui criado pelos meus avós paternos. Na minha casa, o valor das relações familiares sempre foi muito grande, sobretudo por parte da minha avó, por isso possivelmente sempre mantive um constante contato com meus pais. Com meus avós aprendi valores como o respeito ao outro e a honestidade. Aprendi também a cuidar, a amar, e a quase tudo que estou, falo estou porque entendo que o verbo ser determinaria e engessaria outras possibilidades do futuro desconhecido. Além dos meus avós eu morava com meu tio e uma filha de uma sobrinha da minha avó. Mais a minha casa sempre foi aberta para toda a família, e abrigou perenemente vários outros familiares quando se apertavam financeiramente, apesar de nossa situação financeira não ser das melhores.

Meu querido avô, na sua unidualidade é brigão e teimoso e também uma pessoa muito brincalhona e emotiva. Minha avó tinha uma serenidade e simplicidade que só cabe aos sábios, era a matriarca da família que reunia em torno dela um nicho de amor e cuidados aos seus, o conforto materno, e uma preocupação quase onisciente com todos que amava. Para mim, ela foi à melhor educadora que eu poderia ter, através do seu exemplo, apesar de só ter até a sexta série, salvo engano, foi à educadora do viver, me deu a educação do afeto, me tornando humano, me ensinou a sentir, a ser, e a caminhar pelas veredas da vida. Esse magnetismo de minha avó aproximava a família ao seu redor possibilitando que minha educação fosse compartilhada com meu tio, minha tia que morava próximo e com toda a família através da pedagogia do exemplo.

Meu pai a partir de seu novo casamento me deu um irmão mais velho, (filho de sua companheira) e uma madrasta que se tornou mais uma mãe que ganhei, que tomou as rédeas da minha criação com o adoecimento e falecimento de minha avó paterna, e acrescentava “no pacote” uma nova família maravilhosa e posteriormente meu irmão mais novo. Essa família, minha família, esteve ativamente presente em minha vida, sobretudo

após a morte da minha avó, me abrigando com conforto, amor e participando ativamente da construção dos meus aprendizados.

Minha aproximação com a minha família materna não foi tão intensa quanto à paterna, apesar de ser também muito querida. Com isto entendo que a participação que tiveram sobre minha educação foi em menor grau. Hoje acredito que exista uma influência maior principalmente da minha mãe cujos laços se apertaram com o passar do tempo, ampliando o meu amor e admiração, pela pessoa alegre que sempre foi, e forte e batalhadora que se tornou, me dando silenciosamente lições de vida.

Contudo entendo que a família (ou as famílias) me ensinou a pedagogia do espelho⁸, na qual, a projeção na maioria das vezes não é fidedigna, porém é inicialmente o referencial disponível. Como existem vários tipos de espelhos, uns que ampliam, outros que reduzem, outros que deformam e outros que se aproximam mais do referencial, assim se reflete a influência da família no indivíduo. Essa projeção inicial juntamente com características individuais possibilita um novo emaranhado de aprendizados em todos os outros espaços de sociabilidade, que possibilitarão uma junção e reinterpretação dos novos “fuxicos”, mas como sabemos, ao criar um novo “fuxico” temos por base um anterior que será anexado a esse que esta sendo formado.

Continuando tecendo a minha manta histórica de aprendizagens, compartilharei agora algo que certamente alterou a minha visão de mundo, a minha compreensão sobre todas as coisas e as leituras posteriores que fiz, que faço e que farei. Posso afirmar que foi um presente me dado como herança pelas minhas famílias paternas de sangue e amor (família do meu pai, principalmente meu pai e meu tio, e a nova família que meu pai me deu), como disse Paulinho da Viola “o samba fazendo alvorada, meu coração conquistou” (VIOLA, 2007, faixa 6), e ainda muito cedo em minha vida à música apareceu como um sol que “iluminou” a minha percepção das coisas. Ainda referindo-me a letra do músico citado acima, “foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar” (VIOLA, 2007, faixa 6). Na minha família, escutar música sempre esteve associado a momentos de prazer, de confraternização, de emoção, reflexão, de dor, de aprendizagem, de

⁸Entendo como um método de ensino-aprendizagem no qual os aprendentes absorvem/refletem as influências e os reflexos de seu meio.

contextualização, ou seja, ouvir música faz parte da gente, sempre temos uma trilha sonora dinâmica que está diretamente ligada ao que vivemos, pois somos também ouvir.

É importante se fazer algumas ressalvas ao se falar de música, por isso pretendo deixar claro que quando eu me refiro à música falo além da sonoridade e melodia, pois estou analisando, sobretudo as letras que complementam esse conjunto. Apesar de não ter nenhum preconceito contra a música erudita e internacional eu não as conheço tão bem, vale ressaltar que na grande maioria das vezes não era o que nós escutávamos, pois a ênfase maior não estava na melodia (que é de suma importância), mas sim na mensagem que a letra da música transmitia. Ouvíamos principalmente música popular brasileira (MPB), o rock nacional (sobretudo da década de 1980), bossa nova e sambas.

Meu pai e meu tio me mostraram a diferença entre ouvir simplesmente e contemplar uma música, apresentaram-me: ouvir e sentir, ouvir e saber, assim me mostravam e me mostram que a letra de uma música não é somente um conjunto de palavras, elas tem um compositor bem como um intérprete, que tem uma vida e uma história, elas estão associadas a um tempo e um lugar, são condutoras de emoção, tradição, filosofias, rebeldias, descontentamentos e idéias, que dialogam com seu tempo (presente e/ou passado), podendo também estar a frente dele, preenchendo lacunas não contempladas inteiramente por outro canal de expressão dos sentimentos, como diria Boris Cyrulnik “ a arte não é um lazer, é uma pressão para lutar contra a angústia do vazio suscitada por nosso acesso à liberdade que nos dá o prazer de criar” (CYRULNIK, 2004, p. 193).

Foi neste espaço familiar que aprendi a interpretar textos, ouvindo e refletindo sobre histórias e estórias que me levavam a um tempo específico como, por exemplo, no final da infância e início da adolescência, ao escutar “Apesar de você” me explicaram que esta música está diretamente ligada ao período ditatorial brasileiro, sabendo disto, eu poderia compreender o que Chico Buarque queria dizer com: “Você que inventou esse Estado, que inventou de inventar toda escuridão” (HOLANDA, 1978, faixa: 11) e isso me levava a porquês imediatamente esclarecido historicamente pela minha família e recheados com outros porquês, que me estimulavam a querer saber, assim fui apresentado à política e à história.

Da mesma forma conheci a beleza e a magia existentes na poesia que transcende a possibilidade de brincar com as palavras, pois ela encurta os caminhos para os poetas de

uma das coisas mais sublimes da vida que é a expressão dos sentimentos. Retomando a ideia que os saberes são linguagens de interpretação do mundo. Faço o uso de uma frase de Mário Quintana que disse “Não tem porque interpretar um poema. O poema já é uma interpretação”, com base nesta afirmação reitero a ideia que a música e a poesia, como todas as outras linguagens são uma tentativa de interpretação e reinvenção do real.

Assim posso afirmar que a música estar como uma ponte que me permitiu conhecer outras paixões possibilitando analogias e interações com o eu e o mundo. Com este alicerce musical pude produzir uma “trilha sonora” na vida, que acompanhou o ritmo do viver, articulando histórias e saberes, buscando entender as coisas a minha volta, associando ideias e sentimentos que contemplam e reinterpretam o mundo, dialogando os elementos dessa esfera holística e antagônica dos saberes da vida, “estendendo-se por todas as coisas, em luta e em acasalamento” (MORIN. 2003. p. 66).

2.1.2 FUXICOS ESCOLARES

No primeiro contato com a escola, surgiu o meu primeiro mal-estar dentro de sala de aula, o que me impossibilitou de assistir as semanas seguintes e, por conseguinte, o restante do ano letivo. A primeira semana... Chorei minuto após minuto, algo normal, levando em consideração que fui retirado do núcleo familiar afetivo e colocado num novo espaço asséptico, até a diretora, sugeriu que eu iniciasse no ano seguinte, pois não consegui me adaptar... Mal sabe ela que até hoje não me adaptei.

Mas ao mesmo tempo esse modelador chamado escola, direta ou indiretamente, me apresentou paixões e saberes que guardo e uso cuidadosamente: como as possibilidades de sociabilidade, o conhecimento de assuntos que me permitiram refletir sobre a minha vida enquanto cidadão do mundo como fez a história e geografia, proporcionou que eu desenvolvesse a expansão da minha capacidade de comunicação, mostrou pensamentos e pensadores que ajudaram a entender e construir o mundo que conhecemos hoje, bem como as ciências “puras” na medida em que compreendi alguns significados práticos. Ou seja, para mim o conhecimento produzido ou reproduzido na escola, só tem sentido se for efetivamente servir diretamente para vida. E esta é múltipla de saberes adquiridos que se somam aos “fuxicos” escolares, formando uma manta de conhecimentos articulados. Esses saberes muitas vezes são reduzidos pela escola por não serem considerados científicos.

Entretanto, todos os saberes são apenas interpretações do real expressadas por linguagens distintas, à academia e as escolas ditam apenas a linguagem da cultura científica. Acatando isto, podemos afirmar que todos nós somos políglotas dos conhecimentos que estão articulados, conhecimentos do viver. Por isso, resolvi estudar alguma forma de produção e/ou reprodução do conhecimento que complementasse o conhecimento escolar.

Ainda rememorando as lembranças vividas na escola, recordo que a escola que cursei o jardim I e jardim II (séries anteriores a antiga alfabetização, hoje entendida como a primeira série do primeiro ciclo) promovia espaços lúdicos, sobretudo ao se aproximar das datas comemorativas, realizando teatrinhos e musicais a serem apresentados aos pais. A sala de aula ainda propiciava às vezes alguma atividade que despertava interesse lúdico, apesar de minha professora da época aparentar ser muito durona. Ao terminar essa etapa da vida escolar, parece que a escola foi caçando a ludicidade, até ser totalmente extinta ainda no primeiro grau menor, a única exceção eram as quadrilhas realizadas nas festas juninas.

Entretanto, posso considerar que mesmo com os desconfortos e estranhamentos em relação aos meus espaços de formação (família e escola), fui um bom aluno, sobretudo pelas pressões sofridas em casa por parte do meu avô paterno, quem me ensinava às atividades de casa... de sua maneira, sem muita paciência e com sua “didática” própria.

Contudo, o meu interesse com a escola foi se extinguindo junto com a ludicidade, e a minha única relação prazerosa na escola, além dos vinte minutos de intervalo (liberdade), passou a ser a interação com os colegas (conversas).

2.2 SEGUNDO CICLO: ADOLESCÊNCIA

Neste novo ciclo, os espaços de formação da infância, a família e escola, se mantiveram em minha vida. A família permanecendo como o lugar hegemônico de minhas aprendizagens e a escola começou a se perder dentre os outros espaços que foram se agregando a essa jornada. Dentre esses novos locais formadores que se abriram para mim como um novo horizonte de possibilidades, posso destacá-los como novos “fuxicos” principais: os grupos de amigos (“fuxicos” experimentais) e o mundo do trabalho (“fuxicos” pré-moldados).

Nessa nova fase entendo o que na infância era só uma percepção: o mundo não se resume a mim e aos meus. Certamente isso permitiu que posteriormente eu me encantasse

com as ciências sociais. Aqui, comecei a me deparar de maneira mais crítica com a pobreza, as desigualdades, injustiças e a buscar de forma ainda confusa a liberdade e os prazeres.

3.2.1 FUXICOS EXPERIMENTAIS

Os amigos aqui apareceram como grandes acompanhantes e professores nessa jornada de novas descobertas, incentivadores/desafiadores da experimentação do novo. Apresentaram-me outras formas de ver e me relacionar com o mundo e com as pessoas além da forma que eu conhecia na esfera familiar. A adolescência é o período de nossa vida que passamos a ter consciência de nós mesmos com relação a um mundo bem maior e por isso começa uma corrida incessante em busca de autoafirmação.

Os amigos me mostraram outras músicas (estilos musicais), outras realidades familiares, outras formas de entender o mundo. Dentre muitas outras coisas, através deles me aproximei do esporte, da igreja e do bar. Respeitando uma ordem cronológica inicio pela igreja.

Através de amigos da escola, me aproximei mais densamente do protestantismo. Nessa fase, eu já almejava um mundo melhor frente às desigualdades e injustiças e passei a crer que isso só seria possível através desse caminho religioso. Para mim a igreja passou a ser mais um espaço de ensinamentos ligados a fé e a uma lógica maniqueísta entre o certo e o errado, depositando em mim suas doutrinas. Foi na igreja também que aprendi a namorar.

Quase simultaneamente conheci algo, além das meninas e dos amigos, que me dava uma vontade enorme de ir para escola. O basquete, me atraía ao espaço escolar. Encontrei no jogo, um novo local de expansão de amizades, de desenvolvimento do raciocínio rápido, da disciplina e determinação em busca de um melhor desempenho técnico, aprendi a ser competitivo, a ganhar e, sobretudo a perder. A partir daí, com os jogos amistosos, comecei a conhecer outras escolas além da que eu estudava, e pessoas com o esporte e outros interesses em comum.

Vale ressaltar que a maioria dos meus amigos do basquete eram também evangélicos, o que aumentava ainda mais nossa identidade em comum. Assim paulatinamente meu desinteresse pelas aulas começou a aumentar em medida diretamente proporcional que encontrava outras atividades mais prazerosas. O basquete veio reiterar

que relação entre o prazer e o aprendizado deve “caminhar de mãos dadas”, pois a sedução que uma determinada coisa exerce no indivíduo acaba potencializando a vontade de querer saber e estar inteirado a essa coisa, ser possuidor dela.

Essa fase do esporte e da igreja passou juntamente com as estruturas fundamentais da minha vida até então. Minha avó que me criou, ficou seriamente doente e foi fazer um longo tratamento no Rio de Janeiro, com isto, fui morar em outro bairro com meu pai e lá fiz novos amigos, entrei numa nova fase relacionada à escola e ao mundo.

Com meus novos amigos e meu irmão mais velho, me aventurei por novas descobertas e novos prazeres. Nessa fase da vida, tudo o que fazia era em função das meninas, e eu que sempre fui um bobão comecei passo a passo a fumar e a beber, pois tinha a falsa noção que assim pareceria mais descolado, mais independente, mais adulto talvez, e “o pior...” adorei tudo isso.

Com tudo, meus companheiros e companheiras de experimentação me trouxeram vários assuntos que foram muito importantes nessa trajetória de formação, trazendo as nossas conversas assuntos do cotidiano que iam além de “pegar alguém”, como os conflitos familiares, e no geral assuntos do interesse da juventude como violência, sexo, drogas e música. Confrontando visões de mundo e despertando outras curiosidades. Com isso o bar⁹ se tornou um espaço cada vez mais formador, como lugar de demonstrar os pontos de vista sobre o que ocorria no mundo e de “falar da vida alheia”, passando a ser um local de troca de experiências e, sobretudo de reflexão sobre as atitudes e consequências tomadas, por mais que na maioria das vezes fazendo isso de maneira inconsequente.

Aqui a música passa a ter mais uma vez importância fundamental, pois fui apresentado a novos estilos musicais que não escutava na minha casa, como o reggae e o hip-hop, por exemplo, estilos musicais que tratam essencialmente de conflitos sociais, preconceito, despertando a criticidade e reflexão sobre os problemas sociais do mundo, como por exemplo, quando escutei pela primeira vez uma gravação de Tribo de Jah que traduziu a música “War” de Bob Marley que dizia: “até que a filosofia de uma raça superior e outra inferior, seja finalmente, permanentemente, desacreditada e abandonada, haverá

⁹ Quando falo bar, não estou me referindo a conversas em torno dos copos de cerveja e etc.

guerra” (MARLEY apud TRIBO DE JAH, 2001, faixa 11), me despertando uma revolta contra as desigualdades impostas para as minorias.

Contudo, os amigos e os relacionamentos foram atores pedagógicos que se somaram aos “fuxicos” familiares e escolares, que me permitiram “meu próprio desbravamento de mim”, participaram da construção de prazeres e decepções fundamentais para um autoconhecimento, um interconhecimento e um reconhecimento. Promoveram junto comigo uma abertura para novas experimentações, numa **pedagogia degustativa**¹⁰ dos sabores da vida, que a família às vezes não tem coragem de incentivar pela superproteção ao indivíduo, e pelo modelo pré-estabelecido entre certo e errado.

2.2.2 FUXICOS PRÉ-MOLDAOS

Foi na adolescência também que conheci o mundo do trabalho, um espaço de formação de suma importância nesta trajetória de vida. Através inicialmente de estágios em bancos estatais.

Nesse novo espaço aprendi a firmar uma postura (profissional) totalmente diferente das que tinha com as outras descobertas que ocorriam simultaneamente, onde as coisas ocorriam de maneira degustativa. No trabalho, conheci de maneira mais evidente o que Foucault chamou de domesticação dos corpos (FOUCAULT, 2001), e aprendi que se deve manter uma postura corporal, “já que os ajudantes são a vitrine da agência”; ética, na medida em que trabalhava com dados confidenciais dos clientes; entendendo também o que é produtividade, pois tinha metas a serem atingidas; e como me relacionar com as pessoas de maneira educada e ágil, já que prestava um serviço ao público.

Para incorporar e desempenhar essas funções estudava cartilhas de atendimento, os produtos e serviços da agência e contava com a ajuda das colegas de atendimento mais experientes e da gerente/tutora.

Contudo, descobri mais um mundo novo. Um lugar que eu precisava ter uma nova relação com as pessoas, onde as experiências deveriam ser pré-moldadas, com alto padrão de qualidade. Essa educação literalmente bancária se assemelhava à escolar, porém tinha ingredientes importantíssimos não estimulados na escola: a prática e a relação interpessoal.

¹⁰ Processo de ensino-aprendizagem regido por experimentações empíricas.

Onde, também, a postura do profissional é completamente diferenciada do discente, entendendo que as benesses profissionais (o salário e comissões) atendem de maneira mais imediata ao sujeito.

E nesse espaço descobri algo que me dava muito prazer, as vendas. Que estavam diretamente ligadas ao serviço (almejado) de excelência de atendimento ao público, bem como a capacidade de sedução entre o vendedor e o cliente, com isto, entendi que o que faltava na escola por parte dos professores era a capacidade de seduzir seus clientes para comprar o seu produto. Que numa relação interpessoal deste tipo (venda ou ensino), é de importância fundamental o interesse de ambas as partes, mas o papel do cliente não é necessariamente ter interesse pelo produto, mas é papel do vendedor despertar vontades.

Isto me fez perceber que no meu lugar de trabalho eu era um professor, no atendimento a questões triviais que não era do domínio do cliente e na relação de vendas, que era indispensável à busca das coisas em comum, para gerar uma relação de confiança “afetiva”, e seduzi-lo para fechar o negócio. Isso certamente foi um dos pontos que me influenciaram na busca pela docência.

2.2.3 FUXICOS “DESESCOLARES”

A escola a partir desse momento já não me despertava nenhum interesse, pois já tinha aprendido a jogar o jogo entre professor e aluno, eu apenas fingia que seguramente sabia o que os professores diziam que era importante aprender e usava meu conhecimento de mundo para “encher linguiça” nas avaliações. Sempre usando justificativas (sensibilizadoras) ligadas ao trabalho e com pouquíssimo esforço dava pra atingir as médias necessárias, pois aqui o conhecimento escolar não era importante e sim atingir as notas necessárias, bem como o desafio de “me dar bem” com o mínimo, enrolando os professores. Por muito tempo deu certo... até o vestibular.

2.2.4 FUXICOS FAMILIARES E O ESPELHO

Além das mudanças habituais da adolescência, físico-hormonais e psicossociais, assim como introduzi no início do “2º ciclo: adolescência” tive uma mudança radical na vida familiar. Como relatei anteriormente fui morar com meu pai e encontrei transformações essenciais na instância familiar, bem como em todas as outras.

Em casa, deixei de ser o centro das atenções, pois passei a residir com outros três irmãos, o que foi muito bom, pois possibilitou uma troca de experiências mais constantes e mais afetivas entre nós, produzindo um intercâmbio de ensino-aprendizagem através de brincadeiras e vivências muito prazerosas e às vezes não tanto. Entretanto, foi difícil aprender a compartilhar, não os objetos, mas as atenções.

Ratifiquei a adoção que fiz da minha mãe preta (a esposa do meu pai), quem me ajudou a ultrapassar de maneira sábia as minhas dificuldades. Consequentemente, aproximação à família dela foi inevitável e maravilhosa, se mostrando como um espaço de relações fortemente afetivas. Esta (minha) nova família, tem por característica a docência, sendo pessoas majoritariamente educadoras, desde minha nova mãe a minha nova avó. Isto certamente me fascinou na medida em que aprendia com elas, através das vivências, das coisas mais singulares da vida, às mais complexas. O que certamente teve peso preponderante na escolha de minha profissão.

Essa nova família, caso não houvesse um número limitado de páginas neste trabalho, mereceria um trabalho à parte. Contudo, farei o possível para resumi-la sem mutilá-la muito neste parágrafo. No todo, pessoas amáveis, inteligentes e reflexivas, apreciadoras dos debates sejam políticos, relacionados à história, geografia, futebol, religião, biologia, literatura, música, matemática e os mais variados temas que se possa imaginar. Estimam a educação e a alegria. E em um clima quase desprezioso, foram me ensinando de um tudo (cultura), como diria Chico Buarque de Holanda “com açúcar e com afeto” (HOLANDA, 1967, faixa 3) através da convivência. Vale aqui se fazer um merecido destaque a minha avó, professora, que através da sua história de vida, (através das dificuldades, lutas políticas e de sua batalha) ligada e comprometida com a educação e com a construção de um mundo melhor, ensinou a estes todos. A mim, ela me fez perceber que o conhecimento é emancipador, provocando um conflito interno entre o menino que não gostava mais da escola e o sujeito que via nessa instituição produtora de saberes (assim como em outras) a possibilidade de colaborar para um mundo menos desigual e a oportunidade de gritar para que a escola se tornasse mais humana.

Já a minha relação com a “mãe genitora” passa a ser cada vez melhor e mais intensa. Começo a compreendê-la mais, o que me aproxima cada vez mais dela. Com a minha família materna nutro um bom relacionamento, porém distante. Entretanto, nunca me

entendi muito bem com o seu companheiro e com o passar do tempo a convivência se tornou insuportável, o que de alguma maneira, me afastava um pouco dela.

Volto ao meu lar: minha casa se caracterizava por ser um espaço alegre e acolhedor, e se abria para os nossos amigos, namoradas, parentes e “aderentes”. Lugar de celebração da vida, dos carinhos e dos tropeços. Sempre festiva e permeada de questionamentos sobre música, poesia e “conhecimentos gerais”, espaço de construção e reconstrução de saberes, através da prática saudável de discussões.

Ainda na minha adolescência minha avó paterna volta do seu tratamento no Rio de Janeiro, ainda muito debilitada, e vai morar próximo da minha nova casa com meu avô, minha tia (e sua família). Contudo, minha avó continua me dando as mais intensas lições de determinação, amor pela família, luta pela vida, superação, carinho, cuidado aos queridos, até o dia de sua morte. O que evidenciou além das sabedorias “herdadas”, um difícil aprendizado, que é lidar com as ausências.

Neste momento da minha vida me percebi começando a refletir a outros os valores familiares na pedagogia do espelho.

Contudo, destaco a família como espaço de formação no meu processo de aprendizagem. Entendo que não existe formação mais forte que a sociabilidade, e quando essa é agraciada de afetividade, reflexividade e sedução, parece que os “fuxicos” de saberes de todo o universo, de linguagens distintas, cabem dentro do nosso espelho, entendendo a incompletude e o inacabamento dos conhecimentos, pois são como espelhos uns frente a outros, e entre apenas dois espelhos, cabe um infinito.

3. ARREMATES

O conhecimento para a vida é a junção e reinterpretação que o sujeito realiza sobre os aprendizados dos locais de formação. A tentativa de hierarquizar um conhecimento sobre o outro independentemente de sua praticidade, nos proporciona uma visão reduzida da realidade.

Entendendo os saberes como recortes/reflexões do real particularmente resignificados, como na alegoria dos fuxicos e que a relação interpessoal subjetivada, nos espaços de formação, proporciona reflexos reais na nossa vivência (pedagogia do espelho), pode-se afirmar que o reflexo dado a determinado “fuxico” é um interpretação do real sob

um determinado ponto de vista. Pois bem, se for feito o uso de outros espelhos em variadas direções, em outros espaços de formação de uma maneira não hierárquica, supostamente refletiremos outros fuxicos que também são saberes que interpretam a realidade, com isto, teremos um entendimento desta, ainda que parcial mais dialogal e complexo, pois os reflexos serão dados em perspectivas multifocais.

Contudo, arremato essa manta de “fuxicos”, sabendo das limitações e incompletudes deste trabalho, pois para ele ser completo precisaria dos “fuxicos” e espelhos de toda humanidade. E reitero que a relação de afetividade, prazer e sedução com o conhecimento o torna mais digno de apropriação, ajuda a transpor os obstáculos impostos pela vida e estimula a reflexividade e a inteligência. Por isto acredito que a escola enquanto espaço de educação formal deve fazer as pazes com o prazer, as experiências individuais e a poesia. Por isso, eu quero me formar educador, para ser mais um autor deste caminho e possibilitador dessa dialogia.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Narrativas de uma ciência da inteireza**, In: (Org) SOUZA, Eliseu Clementino de. Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BIRCHAL, Telma de Souza. Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria do meu livro: a pintura de si. In: _____. **O eu nos ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte. UFMG, 2007. (p. 123-187)

BRITTO, Sérgio; FROMER, Marcelo; REIS, Nando; PESSOA, Ciro. Homem primata. Intérprete: Titãs. In: Cabeça Dinossauro. [S.I.]: WEA, 1986. CD. Faixa 11.

CAMBI, Franco. História da pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CASTRO, Michele G. Bredel de. **Noção de criança e infância**: Diálogos, reflexões, interlocuções. Universidade Federal Fluminense. Niterói/RJ. [2009]. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf> Consultado em 26 nov 2009. (p. 1-11)

CRUZ, Dalcy da Silva. **L'universel et le singulier**. L'éducation comme dialectique: Experiences et recherches. IX EME colloque international de L'AFIRSE – Reen/ FR. 1,2,3 Juni 2000. (Atelier E)

_____. **A arte como princípio organizador do mundo**. In: (Org) Maria da Conceição de Almeida, Margarida Knnob, Ângela Maria de Almeida. Polifônicas idéias. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 126 – 129

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

FILHO, Francisco de Sousa Viera. **A insustentável leveza do não ser**: Relativismo insustentável e proposição de uma idéia absoluta de justiça. 2008. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=11273>> Consultado em: 05 dez 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 39.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FOUCAULT, **A Microfísica do poder**. 23 ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

HOLANDA, Chico Buarque de. Com Açúcar e com afeto. Intérprete: _____. In: Chico Buarque Vol 2. [S.I.] RGE, 1967. CD. Faixa 3.

_____. Apesar de você. Intérprete: _____. In: Chico Buarque. [S.I.]: Universal Music Brasil, 1978. 1 CD. Faixa 11.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf>, [2009]. Consultado em: 21 nov 2009. (p. 1-6)

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **A arte metamorfoseando a vida**: vencendo traumas do trabalho infantil. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008. 63f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais).

MARLEY, Bob. War (Guerra). Intérprete: Tribo de Jah. Tradução: Tribo de Jah. In: Tributo a Bob Marley. [S.I.]: Indie Records, 2001. Faixa 11.

MORIN, Edgar. O duplo pensamento. In: _____. **O método III: O conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1987. (p.144-165)

_____. **Meus demônios**. Tradução de Lenine Duarte e Clarisse Meireles. - 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. In: (Org) Edgard de Assis de Carvalho e Maria da Conceição de Almeida. 2ª Ed. amp. São Paulo: Livraria da Física, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. A ecologia dos saberes. In: _____. **A gramática do tempo: pra uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção para um novo senso comum; V.4) p. 137-154.

VIOLA, Paulinho da. Foi rio que passou em minha vida. Intérprete: _____, In: Paulinho da Viola: Foi um rio que passou em minha vida. [S.I.]: EMI, 2007. CD. Faixa: 6.